

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Conceição Rita Mendes

registada em 2009-02-05
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Conceição Rita Mendes

Conceição Rita Mendes nasceu no dia 11 de Novembro, em dia de São Martinho, no Pereiro, freguesia de Sobral de São Miguel. Já fez 72 anos. Os pais chamavam-se António Pereira Mendes e Delfina Rita do Carmo. “Trabalharam no campo toda a vida.” Conceição tem sete irmãos. Não soube o que era a escola, porque foi servir com 7 anos. Esteve nas Bogalhas, até aos 11 anos, a guardar ovelhas. Mais tarde, foi servir para a Benfeita, até aos 14 anos. A sua vida foi sempre a trabalhar na fazenda. Conheceu o marido na sua terra, quando ia visitar os avós. Casaram quando Conceição tinha 20 anos. O casamento foi na igreja da Benfeita. “Viéramos de Pai das Donas a pé pelo pinhal abaixo e por aquele pinhal acima é que voltáramos.” Teve seis filhos “sem nunca ir a um hospital, sem nunca ir a um médico”.

Índice

Identificação Conceição Rita Mendes.....	4
Ascendência António Pereira Mendes e Delfina Rita do Carmo.....	4
Infância "Amor de mãe".....	4
Casa "Umas meias condições".....	5
Educação "Faz muita falta o saber ler".....	5
Religião "A missa era dita em latim".....	6
Namoro "Já lá vão 52 anos".....	6
Casamento "Casei com 20 anos".....	6
Descendência "Tive seis filhos".....	9
Ofício "Trabalhar na fazenda e os filhos ao colo".....	12
Costumes Tradições de duas terras.....	13
Lugar Aldeia adoptiva.....	16
Avaliação "Levam uma lembrança".....	19

Identificação *Conceição Rita Mendes*

Chamo-me Conceição Rita Mendes. Nasci no dia 11 de Novembro, em dia de São Martinho, no Pereiro, freguesia de Sobral de São Miguel. O distrito é Castelo Branco e o concelho a Covilhã. Fiz agora 72 anos.

Ascendência *António Pereira Mendes e Delfina Rita do Carmo*

Os meus pais chamavam-se António Pereira Mendes e Delfina Rita do Carmo. Conheceram-se de criança. Eram da mesma terra. Eram de Sobral de São Miguel. Trabalharam no campo toda a vida. Vieram para aqui, para o Pai das Donas, de caseiros no ano da seca. Primeiro, vieram para casa dos patrões. Os patrões é que lhe arranjaram casa para eles estarem. Depois, os patrões morreram, eles vieram para casa deles. E de casa dos patrões compraram eles próprios uma casa, aonde eu estou hoje. Daqui, foram para o Coimbrão, ali perto de Leiria. E lá morreram.

Tenho sete irmãos e comigo somos oito. Eu sou chegada à mais velha. Ainda são todos vivos, graças a Deus. Éramos pobrezinhos, mas tudo bem. Tudo bom, graças a Deus. Ainda hoje nos damos todos bem uns com os outros. Os meus pais foram lá para baixo e eu fiquei aqui com a casa que era deles e cá estou.

Infância "*Amor de mãe*"

Quando os meus pais vieram para o Pai das Donas, eu já era nascida, mas não estava aqui. Não estava com eles, porque fui para servir com 7 anos. Fui fazer 7 anos a servir. Desde lá fui ali para as Bogalhas, para lá de Côja. É Pinheiro, Bogalhas e Meda de Mouros. Aquelas três territas logo ali perto. Uma senhora lá da terra, que tinha já cá filhos, lá convenceu a minha mãe a deixar-me vir. Eles tinham um filho que era piloto nos aviões e tinha seguido a vida da tropa. Era marinheiro. Estava reformado. Já era um senhor de idade. Nas Bogalhas, eu guardava umas ovelhas. Que mais podia fazer? Pouco mais. Não me pagavam. Era só pelo comer. Dormia em casa deles. Onde é que havia de ser? Era lá em casa deles.

Estive lá até aos 11 anos. Aos 11 tive uma doença. A minha falecida mãe foi-me buscar com uma cesta à cabeça para Pai das Donas. Era para eu morrer. Vinha

disposta a isso, mas depois, com amor de mãe, a doença passou. Lá melhorei e cá estou. Fiquei em Pai das Donas. Estive ali mas andei por aqui e por acolá.

Vim aqui para a Benfeita, ali para uma casa por baixo da capela de Santa Rita. Eram uns senhores ricos. Só que a criada passou lá muita fominha, graças a Deus. Já tinha aí uns 14 anos quando para ali vim. O meu jantar eram cinco azeitonas e um bocadinho de pão, porque uma broa tinha de chegar para toda a semana. Eles só compravam uma broa à segunda-feira, até à outra segunda-feira. Eu não podia comer mais do que aquilo. Ao meio-dia, eram três batatas assim como as cabeças dos dedos. O conduto também não seria muito, não me lembra. Uma vez, uma coisa, outra vez, outra. Não me lembra. E uma conchinha de sopa que eu ia buscar à mesa. Vinha comê-la à cozinha. E aquando aquele comer, aquela sopa, me chegava ao estômago, eu tinha tantas dores e rebolava-me no chão, para barrar as paredes do estômago. Apanhei uma doença, que o estômago encheu-se de feridas, porque não tinha que comer, roçavam um no outro. E, pronto, fui dali com outra doença. Lá vou eu para casa para a curar. Era um problema. Por Deus, tudo aquilo passou e hoje aqui estou. Mas depois disse para os meus pais:

- Eu já não volto mais para servir, porque em todos os lados que eu vou estar, apanho doenças.

Casa "*Um*s meias condições"

A casa dos meus pais era pequena. Tinha umas meias condições. Dormiam raparigas umas com as outras e rapazes uns com os outros. A gente lá se arranjava. Depois, casei e fui para a minha casa. Para uma casa que hoje é minha. Hoje, não passa de uma casa de arrumação, como nós aqui chamamos, uns palheiros para arrumar as palhas para os animais. E é a isso que ela está hoje reduzida. Para lá fui viver. Estive lá oito meses. Depois de oito meses, mudei para uma outra casa boa. Uma casa muito jeitosa, embora fosse pequena. E assim foi a vida.

Educação "*Faz* muita falta o saber ler"

Eu não sabia o que era escola. Andei a servir e doente e não sei quê. Para a escola, só foram os meus irmãos abaixo de mim. Os mais novos todos foram para a escola, mas eu e a minha irmã não fôramos. A minha irmã aprendeu de casada. O marido estava no Canadá. A ela fazia-lhe falta e aprendeu a ler e a escrever. É verdade.

A mim, já me fez falta. Tenho lá cartas, às vezes, aos oito dias e mais por ler. Outras ficam, nem se lêem, porque não sabe. Faz muita falta o saber ler, pois faz. Eu tinha pena de não saber. Gostava muito de saber. Até os meus irmãos, esses, iam:

- "Olha, agora temos um bocadito, vai ler um bocadito num livro."

E eu lia. E ia ler uns livros para ouvir. E era assim.

Religião "*A missa era dita em latim*"

Não fui à catequese, mas comunguei. Havia lá uma rapariga, que nos ensinava a doutrina. Íamos lá à freguesia, porque lá ficava-nos muito longe. Era hora e meia de caminho. Não havia carros naquela altura. E fôramos lá também fazer a Primeira Comunhão. Só fiz a Primeira Comunhão, mais nada. Aprendíamos a rezar à noite, em casa, umas com as outras. De dia não tinham vagar, coitadas. As minhas avós sabiam muita coisa. Eu é que sou burra, não aprendo muito bem.

Vínhamos à Benfeita à missa e voltávamos para casa. Para baixo, vinha-se depressa, para cima demorava-se mais tempo, ali por aquele pinhal acima. Agora, até deixaram sumir o carreiro. Agora, só por a estrada e por a estrada é muito longe. A gente agora deixou de vir, porque nos fica muito longe já para as nossas idades. Vejo a missa através da televisão. Antes, a missa era dita em latim. Não entendia nada. Nem o português percebo muito bem.

Namoro "*Já lá vão 52 anos*"

O meu marido era da minha terra. Eu estava aqui, mas de vez em quando, ia lá ver os meus avós. E assim se reduziu o conhecimento. Ele gostou de mim e eu, se calhar, também gostei dele, com certeza. Ele vinha cá de vez em quando e mandava umas cartas. Como não sabia ler, dava-as a ler a outra pessoa e outra pessoa lhas fazia. E eu a mesma coisa. Eu era com os meus irmãos. Eles é que faziam as cartas. Ditava-lhes o que havia de escrever. Eram umas cartas simples. Já não me lembro o que escrevia. Já lá vai há tanto tempo... Já lá vão 52 anos. E pronto, assim chegámos. Depois, o meu marido veio para Pai das Donas. Veio para cá quando a gente se casou, para se casar comigo. Foi esse o motivo.

Casamento "*Casei com 20 anos*"



Conceição da Rita Mendes e António Lopes Antunes (ao centro) na companhia de amigos, na comemoração das bodas de ouro (Pai das Donas)

Casei com 20 anos. Ele tinha 21. O casamento foi aqui na igreja. Viéramos de Pai das Donas a pé ali pelo pinhal abaixo e por aquele pinhal acima é que voltáramos. Já vestíramos de noivos. Onde é que a gente se ia aqui vestir? Levantava-se o vestido para não sujar. Usava-se umas combinações e era isso mesmo que a gente usava. O vestido era branco, não com cauda, e véu a tapar-me. Nem tenho fotografias. Nessa altura, não havia. O meu marido levava uma roupa castanha, camisa branca e uma gravata. Já não me lembro bem. Parece-me que era cinzenta ou qualquer coisa assim. Tínhamos lá alfaiate e costureira na terra em Pai das Donas. Fizéramos lá a roupa.

Depois do casamento, houve festa. Tínhamos um jantar em casa. Tínhamos lá duas cozinheiras e foi lá em casa. Ainda eram capazes de ser aí umas 50 e

tal pessoas. Agora é difícil lembrar-me o que se comeu. O normal era a sopa, depois batatas assadas no forno com carne fresca, como se chama, algum cozido à portuguesa e arroz-doce, filhós, coscoréis - como a gente aqui chama -, a tigelada, o pão leve - chama-se agora pão-de-ló - e por ali assim. Naquela altura, ao tempo, era isto.



Bolo comemorativo das bodas de ouro (Pai das Donas, 2006)

"Eu estava sempre em aflição"

Eu fiquei aqui sempre e o meu marido ainda cá esteve sete anos. Depois, foi para as Minas da Panasqueira. Já era lá que trabalhava. Depois de sete anos, voltou para as Minas até se reformar. Não vinha todos os dias. Tão longe! Só vinha de vez em quando. E lá nas Minas da Panasqueira, as coisas eram mais baratas. Naquele tempo, os mineiros tinham uma vantagem. iam lá buscar umas coisas para os filhos e para mim. Ele era lá mineiro. Trabalhava em trabalhos perigosos nas chaminés. A varar o chão que eles fizeram. Estava a mina feita e eles depois, a fazer chapéus para os elevadores, varavam para cima para a rua. Faziam chaminés. Uma vez ficou lá ele mais um cunhado meu, que já morreu e era mais novo do que ele. Ficaram lá os dois numa noite. Não puderam sair, que o elevador avariou. Depois foram tirados por uma corda para cima. Eram trabalhos perigosos. Quando caíam aquelas pedras, viu lá matar um companheiro que estava ao lado dele. Doutra vez, caiu outra barreira, partiu a perna a um

colega e ele partiu a cana do nariz e um dedo. Era assim os acidentes de lá. Uns mortos, outros aleijados. Eu estava sempre em aflição. Telefonávamos. A gente telefonava todos os oito dias. Havia aqui uma senhora, onde o telefone vinha ter, que quando falava comigo, dizia-me sempre:

- "Ai! Diga ao seu marido que venha, que aquilo lá é muito mau! Aquilo lá é muito mau..."

Uma senhora muito amiga. E assim se passou a vida.

Descendência "*Tive seis filhos*"



José Carlos (ao centro), filho de Conceição da Rita Mendes e António Lopes Antunes, no seu casamento

Comecei a ter os meus filhos. Tive seis. Desses seis, morreu um com 2 aninhos e eu enlouqueci com os nervos. Mas tudo se passou. Tive seis filhos sem nunca ir a um hospital, sem nunca ir a um médico derivado à gravidez. Tinha os filhos sozinha, sem ninguém estar ao pé de mim. Não tinha parteiras. Era difícil.

E, no entanto, andava aos dez dias para ter os filhos e aos oito e não ia ao médico. Se morresse, morria. Morria, vivia.

"Quando nasceu, eu estava sozinha"

A minha filha nasceu na minha terra. Como o meu marido andava nas Minas, eu fui para lá um ano e ela nasceu lá. Quando nasceu, eu estava sozinha. Já havia há dez dias que eu andava com aqueles problemas todos. Só quem sabe. Embrulhei-a numa fraldinha e numa mantazita - que a gente usava umas mantinhas pequeninas - e tomei-a ao colo. Depois, ouvi passos na rua e fui à janela ver quem era. Era a minha madrinha, que lá ia a passar. Eu disse-lhe assim:

- Ó madrinha, venha aqui a minha casa, se fizer o favor.

Diz-me ela:

- "Ó filha, vou com muita pressa. Ainda hei-de ir tratar dos meus animais e hei-de ir à missa a Cebola." - aquilo hoje é São Jorge da Beira, naquela altura, era Cebola.

Digo assim:

- Mas era só para ver uma coisa que eu aqui tinha.

Diz ela assim:

- "Ah! Mas eu tenho medo..."

Eu tinha uma cadelita e não sei o que é que a cadela lhe apanhou que não gostava muito dela. Lá venho eu à porta com a menina de braçada para segurar a cadela. Abri a porta, a minha madrinha entrou. Voltei a fechar a porta e disse:

- Ó madrinha, olhe o que eu aqui tenho!

- "Ai, mas agora, eu ia com pressa..."

Mas depois, coitadinha, já não tinha pressa. Depois, eu tinha ido chamar a minha sogra. Elas ficaram muito admiradas.

Depois, aos três dias que eu tinha tido, fui lá para um chão ralar o milho. O meu sogro foi lá ter comigo e diz-me ele:

- "Vai-te embora para casa! Esta orvalhada faz tanto mal. Vai-te embora! Eu ralo o milho."

Ele ficou lá a ralar o milho e lá fui eu para casa. Depois, para eu não sair de casa, vinha para lá a minha avó. Estava lá todo o dia ao pé de mim, para não ir trabalhar. E eles lá me iam fazendo o trabalho. Era assim a vida.

As famílias ajudavam-se. Famílias até sem ser famílias. A povoaçãozita era pequena. Adoecia uma pessoa, a povoação juntava-se e iam-lhe fazer o serviço. Não estava mais atrasado que o dos outros. O trabalho era o mesmo, era tudo na fazenda. Ajudavam-se uns aos outros, mas aquela que estivesse doente escusava

de se estar a incomodar muito, porque o trabalho dela não andava atrasado. As outras pessoas ajudavam-se umas às outras. Ajudavam mesmo. Um dia por uma, outro dia por outras. Quase que toda a gente tinha os seus problemas. E então, ajudavam-se.

Lá se criaram. Tenho cinco filhos vivos. Todos se casaram, todos têm a vida deles, já todos têm filhos. Um tem três, outra tem dois e os outros têm um cada. E assim foi a minha vida.

De princípio, foram para Lisboa. Depois, nenhum ficou lá. Três foram para a Alemanha. Já fui lá diversas vezes. Já fui de avião e já fui de autocarro. As minhas filhas ainda foram solteiras para lá. Estavam lá duas tias que as mandaram ir. Depois arranjaram trabalho elas próprias. E lá casaram, mas não foi com alemães. Foram portugueses. O meu filho mais novo foi para lá, mas já foi casado. Tinha dois filhos na Suíça. Agora, um veio e trabalha nas Minas da Panasqueira, como o pai. Ainda lá trabalhou, de solteiro. Agora voltou para lá. Ainda lá está. Eles saíram, porque não tinham aqui condições para viver como eles pretendiam. Era a cavar terra. Hoje é que alguém se governa a cavar terra? É difícil. Para além do pouco que a gente pode fazer, vem a praga e come tudo.



António Lopes Antunes (marido), Fábio (neto) e Conceição Rita Mendes num almoço em família

Os meus netos já são crescidos. Só tenho dois mais novos. Um fez agora 10 anitos e tenho uma outra com 6, de outro filho. Mais os outros já são todos de 18 anos para cima. Agora, já não querem histórias dos velhos.

Ofício "Trabalhar na fazenda e os filhos ao colo"

Depois de casada, foi trabalhar na fazenda e os filhos ao colo. Seis filhos é difícil. Na fazenda fazia tudo. O fazer tudo era carregar a terra do fundo da parede para o cimo à cabeça, cavar a terra, espalhar a semente e enterrá-la. Íamos, esterroávamos a terra, como nós chamamos. E depois a ralar, sachar, empalhar e regar. Fazia-se tudo. Cortar a bandeira, desfolhar e apanhar o milho, era assim a nossa vida. Cultivava tudo. Batatas, feijão, milho, plantava cebolo e tratava das cebolas, pimentos, tomates... Tudo o que cá há para comer. Fazíamos vinho e aguardente. Temos vinha. São pequenas, mas temos muitas videiras nos cômoros. Fazíamos corrimões. Tínhamos muita fazenda. Agora está tudo relva.

Usávamos enxadas, sacholas, ancinhos, pás, quando era para fazer as poças: botava-se um pau numa ribeira, encostava-se-lhe umas pedras, botava-se-lhe umas leivas e vedava a água. Era fazer as poças para regar. Não tínhamos máquinas. A nossa fazenda não era de máquinas nem de poços nem de nada. Era águas entacadas e regávamos.

Para adubar a terra, era a borralha da fogueira. Era o nosso adubo. Em primeiro. Quando apareceu o adubo, dava-se-lhe um bocado de adubo. Era melhor. A borralha era um pouco mais fraca.

De princípio, nem pesticidas havia. Não se curavam as árvores, não se curavam as videiras. Eu já me lembra. Nada disso. Agora é que nem com curar, às vezes, as coisas se criam muito bem. Agora, a batata semeia-se, adubos para cima. Ela está a nascer, lá vem o escaravelho, mais produto para cima. Vem o sol e vem a chuva e não sei quê, lá vem mais sulfato para cima. Tiram-se, lá vem a borboleta, mais pó para cima. Mais pó para elas não colherem os grelos. O quê? A batata é o pior veneno que se pode comer. Botam-lhe venenos desde que se semeiam até ir para a panela. No meu tempo, não era assim. Semeavam-se com borralha e não se curavam. As coisas criavam-se melhor que agora. Agora, tem mais produção, mas primeiro, criavam-se com muito menos veneno

O que criávamos lá ia, às vezes, um saco. Ou se vendia ou se dava como assim ainda hoje se dá. Hoje não vendo, mas dar ainda dou batata e feijão, que é a única coisa que agora cultivo. Milho já só para casa. Mas primeiro até vendia de tudo, que era o nosso rendimento. Vinham pessoas lá à terra e eram pessoas lá da terra, que levavam. Estavam em Lisboa, vinham cá e compravam. Eram uns

litros de aguardente, eram uns litros de vinho. Era umas batatas e uns feijões. E assim íamos vivendo.

Costumes *Tradições de duas terras*

"O Natal era quando a gente queria"

Nunca diferencei o Natal. O Natal era quando a gente queria. Era dar-se bem com a família e almoçar num lado e jantar noutro. E por ali assim. Só as famílias. Faziam qualquer coisa de especial, pois, com certeza, mais diferenciado. Se juntavam as pessoas, certamente. Matava-se um borrego ou quando era - com licença - o porco, juntava-se a família. Era a vida assim. Faziam uma fogueira, mas agora não há lá gente para isso. Está tudo velho. Os novos foram-se embora e só ficaram os velhos. Agora, foram morrendo. Hoje, há lá pouca gente. Não há sangue para fazer fogueiras. Aquando foi pelo Natal, andávamos lá de roda da fogueira, assávamos chouriças, assavam febras, faziam café, havia vinho e outras qualidades de bebida.

O meu filho, de motorizada, foi buscar os meus pais. Só que aquando os ia buscar, teve um acidente ali adiante e lá foi para o hospital para Tábua. Já não houve festa... A festa acabou ali. E parece-me que nem nunca mais lá fizeram fogueiras. Nunca mais houve fogueira.

"Na minha terra havia Janeiras muito bonitas"

Na minha terra, lá em cima, havia Janeiras muito bonitas. Cantavam as Janeiras e era muito bonito. Juntava-se, posso dizer, muitos homens. Tocavam e cantavam uma cantiga a cada pessoa que havia na casa. Cantavam umas cantigas muito bonitas:

*Ainda agora aqui cheguei.
Pus o pé nesta escada.
Logo meu coração diz:
- "Aqui mora gente honrada."*

*Ó anjos do Céu, que tão bem cantais,
Cantai ao Menino: "Bendito sejas".
Aquela relvinha, coberta com véu.*

Virgem bem guardada os anjos do Céu.

Depois cantavam então:

Levante-se lá, senhora Maria Lopes - que era a minha sogra.

Desse banquinho de cortiça.

Venha-nos dar as Janeiras

Ou de carne ou de chouriça.

E o meu sogro era:

Viva lá, senhor Alfredo Pinto.

Usa o chapéu direito.

Quando sai da sua casa,

Todos lhe guardam respeito.

Então, as pessoas, depois, davam carne, chouriça, cebolas, garrafas de vinho... Depois de tirarem as Janeiras, iam para uma casa, faziam aquelas coisas, comiam e bebiam e era um dia de festa. O tempo lá era assim.

Festas e jogos

Desde o Natal ao Carnaval, fazíamos por lá uns "bailarecos". Era o que lá tínhamos onde nos fôssemos distrair um bocadito à noite aos domingos, claro. Pela semana não havia vagar. A minha mãe é que tinha muito jeito para isso. Era muito reinadia.

Em Pai das Donas, havia uma festa o dia 24 de Maio. Agora é que a mudaram para Agosto. Era a festa da Senhora dos Remédios. Ia o padre dizer a missa, saía a procissão e havia umas ofertas ou fogaças, como lhe queiram chamar. Depois da missa, as ofertas iam ser leiloadas para fazer dinheiro para a festa. Eram dias diferentes. Não eram todos os dias assim.

Pelo São João e pelo São Pedro, metiam o gato dentro do cântaro. Atavam-lhe uma corda de palha em volta e ateavam-lhe lume em baixo. Ora em cima aquilo ardia logo. O cântaro descia abaixo e o gato, coitado, lá fugia. Seja a escaldar-se, coitado. Era isso.

O jogo do cântaro era no tempo do meu marido, lá na minha terra. Aqui não havia nada disso. Faziam uma carreira de rapazes e de raparigas e havia pessoas ao lado a ver que era para a "riota", claro. Eles mandavam com os cântaros para trás. O que estava ali atrás tinha que o apanhar, senão partia, e depois atirava outra

vez para trás. Depois, viravam-se outra vez todos ao contrário e continuavam até partir o cântaro. Todos os domingos. Aquilo era só aos domingos. Porque por a semana cada qual tinha a sua vida. Então, todos os domingos, compravam um cântaro, porque era raro ele ficar direito. Era o jogo do cântaro até que ele acabasse.

"Iam lá todos cozer"

Também fazia pão. Hoje, por acaso, até tenho moinho. É só tirar o milho da arca, botar no moinho e moer. Peneira-se a farinha, aquece-se uma pinga de água, põe-se crescente, amassa-se a farinha com água e deixa-se levedar. Estando lêveda, está o forno quente e mete-se para o forno. Hoje, por acaso, o forno e o moinho são meus mas, naquela altura, havia um forno para duas ou três pessoas e iam lá todos cozer. Às vezes, lá espetavam duas broas. Eu cozia e outra pessoa também ia botar lá uma broa ou duas. Para as distinguir, fazia-lhe um buraquinho antes de ir para o forno. Quando está em massa, a gente fazia-lhe um buraquinho e aquele buraco não se desfazia, ficava e diferenciávamos.

O queijo

Para fazer o queijo, tirava-se o leite e amornava-se. Em primeiro, botava-se coalho. Daqueles saquinhos, o estômago dos cabritos. Quando a gente os matava, guardava-o. Tem que ser ainda enquanto eles são muito novos. Quando têm uns 15 dias, três semanas. Depois de três semanas já não prestava. Depois de começarem a comer, já não dá, porque eles já começavam a apanhar lixo. Tinha que ser enquanto aquilo estivesse branquinho. Agora, era com cardo. É uma planta. Temos lá na nossa terra. Cada pessoa tinha um bocadinho de cardo, aproveitava-o na altura e guarda-se para quando havia leite. Aquilo coalha da mesma maneira. Só que cardo é preciso pôr mais e coalho era preciso pôr menos. Qualquer bocadinho dava. Eu não notava muito, mas há pessoas que dizem que notavam e que era melhor o cardo que o coalho. Não sei. Qualquer das coisas, ele coalhava, era o que interessava.

A gente desfazia um bocadinho de cardo, botava no leite e ele coalhava. Estando coalhado, tínhamos o acincho, um prato e uma francela - chamávamos. Botava-se ali o acincho, a gente ia calcando a coalhada dentro do acincho e o leite corria para uma panela naquela francela. A francela era um bocado de madeira com um regozinho à volta por dentro. Tinha assim uma coisinha comprida e o leite corria ali para uma panela. Nunca estava o soro. Num prato, enche o prato.

E ali estava sempre a correr. Daquele soro, umas vezes, fazíamos requeijão e outras vezes, botava-se aos porcos.

"Era bem boa"

Manteiga, também fizéramos. Botávamos o leite numa vasilha. Depois, quando o leite é gordo, colhe uma nata por cima. A gente com uma colher tirava aquela nata para uma vasilha que fosse limpa, pois claro. Nem é preciso explicar. Batia-se bem batidinho e aquilo fazia manteiga. Era só a nata. Mas era manteiga melhor que essas margarinas que se agora comprem. Era bem boa. A minha mãe fez muita. E nós ajudávamos.

Lugar *Aldeia adoptiva*

"No tempo das colheitas"

No tempo das colheitas, apanhava-se o milho para dentro dumas cestas e transportava-se para casa. Descascava-se e trazia-se em sacos para a eira. Para se debulhar. Cada qual cascava o seu. Não havia desfolhadas, não. Cada qual fazia o seu. Era.

A azeitona, apanhavam-na e mandavam-na para o lagar. Vinham-na buscar. Havia três lagares aqui na Benfeitá. Agora, têm que ir aí "pia baixo"¹. Ainda hoje vêm buscar. Vão levar e vêm trazer o azeite. A gente nem vai lá. Pagamos 1 euro por cada litro de azeite que nos chega a casa.

"Água corrente não mata a gente"

Não havia luz nem água em casa. Tínhamos candeiritos a petróleo, tínhamos candeias do azeite e tínhamos lampiões. Petromax já veio agora mais tarde. Primeiro, eram só lampiões. Candeeiros de vidro em chaminé. Uma chaminezita. E era as nossas luzes. Para nos aquecermos, tínhamos uma fogueira. Na cozinha, com os bancos em volta, fazia-se ali a fogueira e estavam ali em volta. Não havia outro aquecimento. Para cozinhar, era com umas panelas de ferro em volta da fogueira.

¹por aí abaixo

Sem água em casa, íamos buscá-la à fonte. Quando lá não íamos, trazíamos-la da fazenda, donde andávamos. Lá dos ribeiros, dos barrocos. Água corrente não mata a gente. E era o que a gente fazia. A fonte chegou a secar algumas três vezes. Agora é que seca mais amiúde, mas primeiro, não. Só quando era os anos muito secos é que secava no Verão. Foi tirada nalgum lugar. Já secou ali em Setembro e rebentou em Janeiro.

Eu já estava casada aquando para lá foi a luz. Foi muito melhor. Ai, isso... A bons costumes, a gente habitua-se mais depressa. Mas os maus, às vezes, também aparecem. É isso. Trouxe muita diferença. E água canalizada, só quando comprei a minha casa, há 45, 46 anos. Só lá tinha a água.

O Solaia e o Zé Augusto

Quando estávamos doentes, íamos ao médico a Côja ou a Arganil. Aqui, havia dois senhores que eram uns bons enfermeiros. Não tinham a profissão, mas sabiam. Ajeitavam-se muito bem a curar quando a gente cortava os dedos. Lá lhe botavam uns gatos e curavam a gente. Limpavam as feridas com um bocadinho de gaze e álcool ou não sei quê. Água oxigenada, acho que nem havia, naquela altura. Era álcool a arder ali. E por doença, constipação, também receitavam qualquer coisa. Se a gente fosse a um médico, ele não dizia muito mais. Este aqui, chamavam o Solaia e o outro era o tio Zé Augusto. Nunca vim lá ao Solaia, agora, ao tio Zé Augusto, vim lá muita vez.

"Vale mais sofrer numa hora "

Cortei este dedo e parte levantou, mas cortei-me a uma sexta-feira e só lá vim ao domingo para me curar. O dedo já estava, coitado, torto e um bocadinho da carne já estava virado para baixo. Então, ele obrigou-me a estender a mão em cima da mesa. O sangue a correr para dentro dum balde. O dedo teve de ir ao lugar que era para aquela carne levantar para ele conseguir colar no lugar. Não dava nada para as dores. Ali era aguentar. Depois, claro, estava o dedo e a mão muito inchada. Ele espetava os gatos e apertava. Quando ia apertar, a carne rasgava. Eu sei lá quantas vezes é que ele espetou aquilo. E lá tornava outra vez. Aquencia o gato ao candeeiros e depois vinha apertar. Quando se abria um prato ao meio, punham-lhe uns gatos. Ora, isto era a mesma coisa. Ele punha também aqui uns gatos. E então ia apertar e a carne rasgava, porque estava muito inchada. Mas ainda o dedo não ficou muito mal. E eu bem ficava com o dedo aleijado se ele não me obriga a fazer aquilo. Às vezes, vale mais sofrer numa hora que olhar toda a vida para o mesmo.

"O santo é que é o Diabo!"

Em Pai das Donas, só há uma capela. Dentro da capela só há santas, porque fizeram a capela e depois houve alguém dos que lá trabalhava que disse:

- "A capela já está feita. Agora o santo é que é o Diabo!"

Mas isto já não é da minha lembrança. Isto já lá vai há muitos anos. De maneira que compraram São Simão para a capela do Pai das Donas, mas, como o santo era o Diabo, não podia estar na capela. Eles iam pôr no altar e ao outro dia estava cá em baixo. Estava no altar, ao outro dia estava cá em baixo. Até que teve que ir para lá só santas.

Aqui há uns anos atrás, à volta de 30, andavam dois rapazes solteiros e um casado a cavar uma sementeira e disse o meu irmão:

- "Ah! Na capela só há santas, vamos para lá comprar um santo!"

Então, santo vai, santo volta e o que é que compraram para lá? O Santo António. Então, compraram um Santo António para pôr na capela. Só que o senhor padre não autorizou. Como a história já vinha de longe, não há que abusar. Mais tarde, o meu irmão soube que tinham feito a promessa, comprou o santo sozinho e quis pô-lo na capela. O padre não autorizou e o santo ficou em minha casa. O meu irmão está no Canadá, mas tem casa no Coimbrão, e aqui há uns anos eu disse-lhe:

- Olha, agora já tens a tua casa, levas o santo.

Mas eu estava habituada com o Santo António. Ele levou o dele e eu tive que comprar um para mim, para pôr lá naquele lugar. Está a Senhora de Fátima e Santo António. É assim a vida.

"As "Donas" de Pai das Donas"

Havia noutro tempo - claro, não é da minha lembrança, nem nada parecido - os "Cavaleiros" no Sardal, o "Lavrador" da Deguimbra e as "Donas" de Pai das Donas, porque lá só viviam duas senhoras solteiras e que eram as senhoras donas, que, noutro tempo, ninguém tinha dom. Hoje tudo tem dom. Mas noutro tempo só tinha dom aonde eu pertencia. Então, elas eram umas senhoras donas de Pai das Donas. Só viviam elas lá. Iam à missa a Côja. Há ali uma igreja no Senhor da Ribeira. Então, o padre, quando ia para dizer a missa, para se pôr no altar, perguntava:

- "Estão os "Cavaleiros" do Enxudro? O "Lavrador" da Deguimbra? E as "Donas" de Pai das Donas? Já não vou para o altar!"

Ele não ia dizer a missa enquanto não estivessem. Sem elas lá estarem o padre não dizia a missa.

Noutro tempo, aquando eu para cá vim, era uma santa gente e havia muita gente. Agora isto está tudo reduzido a nada. Há lá meia dúzia de moradores. Quando é no Verão, sim senhor tudo bem. Mas no Inverno...

Avaliação "*Levam uma lembrança*"

Não sei qual é o significado, mas se calhar até é bom, porque vocês levam uma lembrança do que se passava noutro tempo, que era um pouco difícil. Os mais novos não acreditam. Os meus netos não acreditam no que a gente conta às vezes:

- "Ó avó, esteja caladinha, que isso não podia ser."

Não sei muito bem explicar qual é o vosso trabalho, mas olhem: Deus vos ajude e que vocês tenham muita sorte na vida. Agradeço-vos muito, e que vocês tenham sorte na vida.